



Instituto Federal de Brasília
Campus Riacho Fundo
Licenciatura em Letras-Inglês

Emilly de Oliveira Sousa

O POTENCIAL DO HIP-HOP NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Brasília, DF
2025

Emilly de Oliveira Sousa

O POTENCIAL DO HIP-HOP PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Superior de Letras-Inglês (Licenciatura) do Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Orientador(a): Prof. Dra. Laeticia Jensen Eble

Brasília, DF
2025

Sousa, Emilly de Oliveira.

O potencial do hip-hop para o ensino de língua inglesa / Emilly de Oliveira Sousa ; orientação Laeticia Jensen Eble. — Riacho Fundo, DF: 2025. 27 f. [object HTMLSelectElement]; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Inglês) — Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo, Riacho Fundo, DF, 2025. Orientador(a): Laeticia Jensen Eble.

1. letramento racial. 2. educação antirracista. 3. hip-hop. 4. ensino de língua inglesa. I. Eble, Laeticia Jensen, orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema com dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

Emilly de Oliveira Sousa

O POTENCIAL DO HIP-HOP PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Superior de Letras-Inglês (Licenciatura) do Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Orientador(a): Prof. Dra. Laeticia Jensen Eble

Aprovado em: 12/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Laeticia Jensen Eble - Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Isabella Santos Mundim - Avaliadora

Prof^ª. Dr^ª. Bruna Lourenção Zocaratto - Avaliadora

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Henrique Mariano da Silva - Suplente

Brasília
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico esse trabalho a minha mãe, Nelita, e a todas as mulheres da minha vida, amigas e professoras, pois foi com elas que encontrei apoio e inspiração para ser perseverante durante todo o processo da minha graduação.

RESUMO

O presente trabalho analisou a potencialidade do movimento hip-hop como ferramenta de letramento racial no ensino de língua inglesa. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, baseada em estudo bibliográfico e análise documental, a fim de compreender de forma crítica as relações entre o hip-hop, o letramento racial e o ensino de língua inglesa. O estudo evidenciou que o hip-hop, enquanto movimento sociocultural, apresenta vantagens significativas quando apropriado pedagogicamente, especialmente por favorecer a construção identitária, cultural e crítica dos estudantes. Foi possível destacar o papel do/a docente como fundamental para mediar e complementar o material didático de forma consciente, contribuindo para práticas antirracistas no ensino de inglês. Apesar da carência de pesquisas específicas sobre a temática, o estudo reforça a relevância do hip-hop como recurso pedagógico e aponta caminhos para futuras investigações na área.

Palavras-chave: letramento racial; educação antirracista; hip-hop; ensino de língua inglesa.

ABSTRACT

This study analyzed the potential of the hip-hop movement as a tool for racial literacy in English language teaching. A qualitative approach was adopted, based on bibliographic research and document analysis, in order to critically examine the relationships between hip-hop, racial literacy, and English language education. The findings indicate that hip-hop, as a sociocultural movement, offers significant advantages when used pedagogically, particularly by fostering students' identity, cultural, and critical development. The research also highlighted the fundamental role of teachers in consciously mediating and supplementing traditional teaching materials, thus contributing to antiracist practices in English language classrooms. Despite the scarcity of studies addressing this specific topic, the results reinforce the relevance of hip-hop as an educational resource and point to directions for future research in the field.

Keywords: racial literacy; anti-racist education; hip-hop; english language teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Objetivo geral.....	8
1.2 Objetivos específicos	8
2 HIP-HOP E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA	10
3.1 O hip-hop no Brasil.....	10
3.2 Educação antirracista por meio do hip-hop.....	11
3.3 Hip-hop e ensino de língua inglesa	14
3 METODOLOGIA	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O hip-hop chega ao Brasil na década de 1970, em um contexto ditatorial que relegou diversos grupos sociais à marginalização. É então por meio da arte, como a música, a literatura, a dança e o teatro, entre outras formas de expressão, que tais grupos encontram espaço para manifestar sua existência e resistir à opressão. Nesse cenário, o hip-hop ocupava as ruas, ganhando cada vez mais visibilidade e conquistando o interesse dos jovens, principalmente negros e residentes na periferia, que viram o movimento como forma de se sentirem pertencentes e ouvidos. Logo, essa corrente cultural também passou a se mobilizar politicamente, tornando-se uma ferramenta de conscientização, empoderamento e mobilização para os jovens. Considerando esse potencial de propiciar a discussão em torno das questões étnico-raciais, o hip-hop vem sendo incorporado também em atividades diversas no ambiente escolar, sobretudo considerando a Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de histórias e culturas africanas e afro-brasileiras em todo o currículo escolar da educação básica.

De acordo com o IBGE, a maioria da população brasileira é formada por pessoas negras (55,5%), e é justamente essa população que é a mais impactada pela vulnerabilidade econômica (IBGE, 2022). Se a educação pode ser a resposta para minimizar as desigualdades sociais, fato é que, mesmo passados já mais de 20 anos de existência da Lei nº 10.639/2003, a educação antirracista e a descolonização dos currículos têm caminhado a passos lentos. Apesar do otimismo que se observa acerca do “engajamento” dos estudantes com o hip-hop, percebe-se que sua utilização em atividades pedagógicas ainda é pontual, talvez porque falte aos docentes qualificação para lidar com esse material, que escapa ao ensino tradicional e ao que se encontra nos livros didáticos em geral.

A constatação desse conservadorismo ainda presente na educação formal e resistência diante do protagonismo da população negra levam-nos ao problema de pesquisa que incentivou a escrita deste trabalho: O hip-hop poderia ser utilizado como ferramenta pedagógica para promover o letramento racial em aulas de língua inglesa? Se sim, existem estudos disponíveis que colaborem para desenvolver o repertório de professores interessados em uma educação crítica para o planejamento de suas aulas?

Durante a minha trajetória como estudante de graduação em Licenciatura em Letras Inglês, participei em muitos grupos de estudos no *Campus Riacho Fundo* do Instituto Federal de Brasília, como o NEGAR, O CAPITAL, GELEIA, NUGEDIS e NEABI. Esses grupos foram muito importantes no fortalecimento do meu pensamento crítico. Ao mesmo tempo, eu

frequentava batalhas de rima no Distrito Federal como espectadora. Diante disso, notei que os MCs usavam muitos vocabulários da língua inglesa em suas rimas e me questionei se, dessa forma, eles estariam aprendendo o inglês por meio do hip-hop. Porém, a partir disso, surgiu outra reflexão, pois por meio das rimas, esses MCs estavam compartilhando suas vivências, principalmente como pessoas racializadas vivendo na periferia. Com isso, de certo modo, concluí que há muito mais sentidos a serem explorados na língua do que apenas aspectos gramaticais.

Dessa forma, a relevância deste estudo se dá pela necessidade de debater e fortalecer abordagens antirracistas no ensino de língua inglesa, especialmente em contextos escolares marcados por desigualdades raciais e sociais. Investigar o hip-hop como recurso didático contribui para ampliar o repertório da área, oferecendo alternativas para tornar o ensino de inglês mais significativo, crítico e conectado às vivências dos estudantes. Espera-se, assim, por meio desta discussão, colaborar para a construção de práticas educativas que valorizem identidades, promovam participação e ampliem as possibilidades de letramento racial no contexto escolar.

1.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a potencialidade de se utilizar o movimento hip-hop como ferramenta de letramento racial no ensino de língua inglesa. Através de uma pesquisa bibliográfica, pretende-se buscar a possibilidade de o hip-hop contribuir para ampliar o repertório sociocultural e trabalhar a capacidade crítica dos estudantes de ensino médio acerca da história e da cultura afro-brasileira.

1.2 Objetivos específicos

Para alcançar o objetivo geral proposto, este estudo buscou compreender o problema considerando o surgimento e os pilares do movimento hip-hop, bem como sua importância para o movimento negro e no contexto brasileiro atual. Também se buscou entender o papel social do hip-hop enquanto propulsor do empoderamento de grupos minorizados e de que forma isso pode ser incorporado em aulas de língua inglesa para promover o letramento racial crítico dos estudantes. Assim, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer acerca do surgimento do hip-hop, bem como sua presença no cenário brasileiro;
- Compreender a importância do movimento hip-hop para promoção do letramento

racial;

- Avaliar a pertinência de se explorar o hip-hop como elemento pedagógico em sala de aula considerando a implementação da Lei nº 10.639/2003 e as competências previstas na BNCC para o ensino de língua inglesa.

2 HIP-HOP E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Para melhor contextualização e aprofundamento do problema de pesquisa, esta seção, dividida em subseções, apresentará como se estabelece o hip-hop no Brasil, seu contexto, sua importância e seu significado; como esse movimento se encaixa no fortalecimento de uma educação antirracista tendo em vista seus principais elementos e sua relevância no contexto periférico brasileiro; por fim, a ligação entre o hip-hop e o ensino de língua inglesa. A base teórica desta seção encontra suporte no livro *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança – hip-hop*, de Ana Lúcia Silva Souza, na tese de doutorado da profa. dra. e orientadora deste trabalho Laeticia Jensen Eble, no texto de Nilma Lino Gomes sobre “O movimento negro e a intelectualidade negra”, bem como na Lei nº 10.639/2003 e na Base Nacional Comum Curricular.

3.1 O hip-hop no Brasil

Mais que um modismo, que um jeito esquisito de se vestir e de falar, mais que apenas um estilo de música, o hip hop, com um alcance global e já massivo, é uma nação que congrega excluídos do mundo inteiro (Roch; Domeninich; Casseano, 2001, *apud* Fochi, 2006, p. 63).

O hip-hop surgiu na década de 70 nas ruas de Nova Iorque, no sul do Bronx, Estados Unidos, em meio às inquietações que a desigualdade social e racial estava causando aos grupos marginalizados, principalmente à população negra. A cultura hip-hop surge como movimento para subverter e denunciar, por meio da expressão artística, os danos causados pela violência, pobreza, drogas entre outros.

Essa expressão artística ligada ao movimento, também principal veículo para a manifestação de ideias, tem como pilar quatro importantes elementos: *Djing*, *Mcing*, *Breaking Dance* e *Graffiti*. Esses elementos não se sustentam por si só, senão pelo conhecimento, que é, segundo Fochi (2006), o que permite que o hip-hop não seja banalizado ou transformado em um modismo ultrapassado. A conscientização é a base e o objetivo que fortalece o movimento, pois através dela que se busca uma transformação social.

Enquanto a cultura hip-hop se popularizava nos subúrbios dos Estados Unidos, no mesmo período o Brasil enfrentava problemas semelhantes de desigualdade e violência. Em pleno contexto de ditadura militar, já havia praticantes de *breaking* nas ruas da grande São Paulo e não tardou para que os outros elementos do hip-hop ganhassem muitos adeptos entre

os que estavam ativamente resistindo às mazelas da repressão. No início, surgiu como mais um estilo com o qual os jovens periféricos se identificavam, mas logo foi se incorporando à sua essência política (Eble, 2016, p. 19-21).

É comum conhecer o hip-hop pelo rap, sendo esse elemento um importante contribuinte para a difusão do movimento. No cenário brasileiro, o grupo Racionais MC's foi um dos primeiros a popularizar o rap em grande escala, ao trazer em suas músicas letras fortes, com críticas sociais acerca da violência do racismo, a violência policial, a pobreza, além de trazer também questões sobre religiosidade e a vivência dos jovens nas favelas de São Paulo. É importante ressaltar que o grafite também teve papel relevante na difusão do hip-hop. Diferentemente da pichação, e apesar de ter uma mensagem mais “leve” que o rap, de acordo com Fochi (2006), o grafite “é uma forma de evitar a demarcação de áreas e demonstração de poder por parte de algumas gangues”. Por sua vez, o *break dance* foi uma alternativa para evitar as brigas de rua, engajando o jovem a usar a dança como diversão e a busca por autoestima (Fochi, 2006).

Nota-se que, atualmente, tem se tornando cada vez mais popular no Brasil a participação dos jovens em batalhas de rima. A nível nacional existem campeonatos como a Batalha da Aldeia (BDA), considerada a maior organização de competição de rima da América Latina. Já no Distrito Federal, em muitas regiões administrativas, como Planaltina, Cidade Estrutural, Riacho Fundo, Guará, Plano Piloto, entre outras, acontecem regularmente batalhas desse tipo. Até aqui buscou-se contextualizar a presença do movimento hip-hop no Brasil, o que é fundamental para compreendermos do que se trata e quais são suas principais ideias.

3.2 Educação antirracista por meio do hip-hop

O movimento hip-hop, desde seu surgimento até hoje, mostra-se popular entre jovens, principalmente entre os residentes nas periferias, demonstrando ser um movimento resistente e de grande importância. Em seu livro *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança – hip-hop*, Ana Lúcia Silva Souza analisa o hip-hop como agente de letramento, isto é, movimento capaz de produzir, compartilhar e dialogar aprendizagens entre ativistas e outros sujeitos marginalizados, ou seja, propulsor da educação não formal. Essa, de acordo com Gohn (2014) é uma educação que se dá “no mundo da vida”, uma educação que se dá por via de compartilhamentos coletivos, caracterizando-se por ser “um processo sociopolítico, cultural, pedagógico de formação para a cidadania” (p. 40).

Souza (2011) avalia a possibilidade de se identificar multiletramentos¹, como os que ocorrem no próprio hip-hop, fora das paredes da educação formal e do que é tido como oficial: saberes determinados pelo currículo escolar. Ainda segundo Souza,

uma das marcas da cultura *hip-hop* é a intimidade com que ela combina e recombina, sem hierarquizar, os multiletramentos em produções que mesclam mídias orais, verbais, imagéticas, analógicas e digitais. O universo dessa cultura leva em conta tanto as práticas educativas das quais os jovens compartilharam na esfera escolar, que nem sempre têm precedentes em seus grupos de origem, como aquelas produzidas por eles na esfera do cotidiano, atribuindo-lhes significados, objetivos, e tornando-as próprias (Souza, 2011, p. 35).

Considerando o papel da escola no processo educativo, entendemos que ela também é responsável por promover o uso dessas diferentes mídias na construção dos multiletramentos. Isso pode ser alcançado ao se incorporar na educação formal elementos e recursos da educação não formal com os quais os jovens se identificam, colaborando para uma educação mais significativa.

Ainda segundo Souza (2011), a educação proporcionada pelo hip-hop encontra fundamento nas práticas já adotadas historicamente pelo movimento negro, incluindo suas reivindicações por direitos na área da educação. Essa reivindicação hoje perpassa diversas instâncias, por exemplo, no que diz respeito ao acesso, à permanência, ao currículo e à representação nos espaços escolares.

Atualmente, no que se refere ao estudo das relações étnico-raciais e da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, tem-se o respaldo da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade de inclusão desses temas em todo o currículo escolar da educação básica, com reflexos também na formação inicial e continuada de professores.

Tendo em vista a necessidade de se adotar estratégias pedagógicas na rede de ensino que atinjam esses objetivos previstos na referida lei, o Parecer CNE nº 03/2004, que trata das Diretrizes para implementação da história e cultura afro-brasileira, elucida que:

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (Brasil, 2004).

A Lei nº 10.639/2003, sancionada há 22 anos por Luiz Inácio Lula da Silva, determina a obrigatoriedade, como já sinalizado, do ensino da história e cultura afro-brasileira em todas as

¹ Multiletramentos é um conceito que se refere à pluralidade de saberes e a pluralidade dos meios pelos quais esses saberes são difundidos, ou seja, a diversidade de conhecimento que se encontra para além do ambiente formal e para além dos textos escritos. Assim, compreendemos que multiletramento se utiliza de textos multimodais impressos ou digitais como charges, infográficos, produção audiovisual, entre outros e é produzido por múltiplos agentes como artistas periféricos, professores, estudantes, ongs, ativistas etc. (Rojo; Moura, 2012, p. 13-26).

escolas de educação básica do país, sejam elas públicas ou privadas, bem como de sua presença em todo currículo escolar. Com a lei, visa-se a valorização da população negra como agente importante na formação da sociedade brasileira, bem como a conscientização e mobilização de toda a comunidade escolar acerca do combate à discriminação e ao racismo estrutural.

Cabe ressaltar que a disposição da lei não surge de forma espontânea, mas sim como resultado de anos de debates, dos quais o movimento negro brasileiro esteve à frente em reivindicação pela presença da população negra em espaços políticos e sociais. Contudo, a publicação e todo o esforço por sua implementação não garantiram ainda que a mudança ocorra de fato. Segundo pesquisa realizada pelo Geledés e pelo Instituto Alana em 2023, dois anos antes da produção desse trabalho, os dados apontam que a Lei nº 10.639 não tem sido cumprida em pelo menos 71% das secretarias municipais de educação brasileira.

A partir disso, muitos questionamentos surgem quando começamos a estudar e refletir sobre uma educação antirracista. Quais propostas estão sendo construídas pela comunidade escolar a partir da lei e das diretrizes de implementação desta? Os projetos que as escolas mencionam em seus projetos político-pedagógicos são realmente executados? Os conteúdos dos livros didáticos são capazes de abordar tamanha complexidade para uma educação que garanta os direitos à cidadania? E quanto aos professores, quais adaptações pedagógicas têm considerado ao planejar suas aulas para ofertar uma educação democrática e antirracista?

Tensionando tantos questionamentos, em *Ensinando a transgredir*, bell hooks (2017, p. 51) nos provoca, no lugar de professores, quando diz:

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores — em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade —, temos de reconhecer que o nosso estilo de ensinar tem de mudar.

Isto é, não basta apenas a proposição de políticas afirmativas se não houver ação, a mudança começa a partir do movimento entre a estaca zero e o primeiro passo, ou seja, o professor deve repensar a sua prática pedagógica para que ela se torne transformadora.

Em termos de reivindicação e denúncia, vimos que o movimento hip-hop conversa com a Lei nº 10.639/2003. Até aqui entendemos que essas duas ações buscam reconhecer os valores perdidos historicamente pela comunidade afro-brasileira. Importa ainda destacar a forte influência que a popularização do rap brasileiro trouxe para a discussão da educação antirracista, principalmente depois da promulgação da lei, visto que muitos professores se apoiaram na lírica do rap para tratar de assuntos étnicos-raciais no planejamento de suas aulas (Corrochano; Ceriaco, 2023, p. 279).

Para que a Lei, os normativos e as diretrizes se reflitam no processo pedagógico; e não

somente isso, para que a história afro-brasileira seja valorizada, é preciso pensar em estratégias de ensino que garantam o desenvolvimento da criticidade dos estudantes. Diante disso, uma alternativa que se apresenta é considerar o hip-hop como agência de letramento tendo em vista seu valor educativo e o forte engajamento que desperta para os jovens, como este trabalho busca ressaltar.

De forma associada, considerando a proposta deste estudo, também se faz importante compreender o conceito de decolonialidade, pois é possível observar os efeitos da colonização em cada aspecto que constitui hoje a sociedade brasileira. Nos currículos escolares, a colonialidade se perpetua por uma estrutura que ainda reproduz valores eurocêntricos e mantém ideologias que reforçam desigualdades. E, quando se busca repensar a educação para que ela seja efetivamente democrática, é preciso pensar em termos de decolonização dos currículos escolares.

Esse conceito surge no âmbito de um movimento epistemológico que procura subverter as heranças colonialistas impostas, não apenas no que se refere à educação, mas em diversos setores da sociedade, de modo a produzir a desvalorização e marginalização de pessoas negras, indígenas, pobres, LGBTQIAP+ entre outros grupos minoritários. A decolonialidade busca o reconhecimento desses grupos como produtores de conhecimentos científicos e de culturas, é um movimento de resgate contra a marginalização, alçando esses grupos a uma posição de protagonismo. E decolonização dos currículos, por sua vez, é uma prática pedagógica emancipatória dos sujeitos (Gomes, 2018).

Por sua vez, o letramento racial consiste em um conjunto de práticas educativas que busca entender as dinâmicas do racismo na sociedade, a sua estrutura e como ele interfere nas relações interpessoais. A partir do reconhecimento de que o racismo existe e que ele opera sistematicamente como forma de organização e dominação social, ter letramento racial é aprender através de estudos seja por leitura, pelos multiletramentos ou compartilhamentos coletivos, ou seja, diversas forma de engajamento social e assim conseqüentemente, espera-se a tomada conscientizada de ações antirracistas que promovam o respeito a estes grupos subalternizados para que se alcance uma sociedade igualitária, onde todos possam exercer a cidadania e usufruir dos mesmos direitos (Moreira, 2024).

3.3 Hip-hop e ensino de língua inglesa

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) norteia os currículos das escolas de todo o país, estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os

estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. O documento serve principalmente como base e direcionamento para os planejamentos de aulas do/a professor/a, não se limitando a uma informação implícita que é utilizada de forma vaga e superficial, mas devendo ser potencializada.

Dentre os aspectos e conteúdos presentes na BNCC, temos as competências que se referem aos objetivos que cada componente curricular almeja alcançar, esses objetivos têm relação com a formação de cada estudante e as aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas durante os anos de formação do ensino fundamental ao médio. De acordo com a “Competência Específica 4” das habilidades previstas que os estudantes de ensino médio alcancem na “Área de Linguagens e Suas Tecnologias”, destacamos as seguintes como importantes para este trabalho, por permitirem maior relação com o hip-hop:

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.

(EM13LGG403) Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

Essas competências reforçam a língua como um sistema vivo, caracterizando-a como um fenômeno “(geo)político, histórico, social, cultural [...]” e respaldam o uso do hip-hop como ferramenta de ensino-aprendizagem e como ferramenta de multiletramento.

A fim de ilustrar como o rap pode ser utilizado como recurso didático, apresentamos um trecho da música “*Keep Ya Head Up*”, do *rapper* Tupac Shakur. Essa música poderia ser apresentada aos estudantes em uma proposta didática para mostrar variantes linguísticas e discursos ideológicos relacionados à valorização de uma identidade racial negra, dessa forma promovendo o letramento racial.

*Ayo, I remember Marvin Gaye used to sing to me
He had me feelin' like black was the thing to be
And suddenly the ghetto didn't seem so tough
[...]
We ain't meant to survive 'cause it's a set-up
And even though you're fed up
Huh, you got to keep ya head up*

O trecho ilustra algumas variações linguísticas como o *ain't* que substitui *are not*, a omissão do *g* em *ing* e o *ya* que substitui o *your*. Essas variações são características presentes

no AAEV/BEV.² O rapper aborda a recuperação da autoestima negra ao mostrar como a música de outro artista negro contribuiu para afirmar sua identidade, conseqüentemente mudando a sua vivência no “*ghetto*”, lugar historicamente associado a minorias racializadas. Ao afirmar que “*we ain’t meant to survive ‘cause it’s a set up*” o rapper denuncia o racismo estrutural que continuamente ameaça a vida da população negra. Além disso, a música incentiva a resiliência ao sugerir para o seu ouvinte que mantenha a cabeça erguida (“*keep ya head up*”).

² *African American Vernacular English* e *Black English Vernacular*. Variedade do inglês vernacular afro-americano. Para mais detalhes sobre esse tema, ver Stein (2020).

3 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos deste estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e análise documental com vistas a compreender de forma crítica a relação entre hip-hop, educação antirracista e ensino de língua inglesa. Assim, esse trabalho segue uma linha de pesquisa do tipo descritiva e exploratória, uma vez que tem como objetivo “a descrição das características de determinado fenômeno”, no caso, o movimento hip-hop, com “a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis”, aqui entendidas como a Lei nº 10.639/0, o letramento racial e o ensino de língua inglesa (Gil, 2017, p. 33).

Para o levantamento de dados bibliográficos, recorreu-se ao Portal de Periódicos da Capes e à plataforma Google Acadêmico para a pesquisa de trabalhos científicos, a fim de dialogar com os objetivos e discussão deste trabalho.

Considerando o escopo desta pesquisa, nas buscas por artigos, foram utilizadas, num primeiro momento, as palavras-chave “hip-hop”; “ensino de língua inglesa” e “educação antirracista”, os quais foram combinados por meio do operador booleano “AND”. No Portal de Periódicos Capes, a busca não retornou resultado e na plataforma Google Acadêmico foi possível localizar treze resultados. Em seguida, foi utilizada a combinação “hip-hop” AND “ensino de língua inglesa” AND “letramento racial”. Da mesma forma, não foi encontrado nenhum trabalho no Portal de Periódicos da Capes. Por sua vez, no Google Acadêmico, a busca retornou um total de 16 trabalhos publicados, com a aplicação dos seguintes filtros: período de publicação entre 2020 e 2024; e idioma dos trabalhos “Português”. Alguns trabalhos se repetiram nas duas buscas e, estendendo-se a pesquisa a 2025, um único trabalho foi encontrado e incluído para análise.

Foi feita uma verificação inicial dos resultados, primeiramente, conferindo se o título, o resumo e as palavras-chave dos trabalhos indicavam aderência aos interesses da pesquisa. Também foi feita uma verificação utilizando o comando de busca de palavras “Ctrl+F” nos casos em que houve dúvida se o trabalho tinha relação com o tema ou não. Assim, foram excluídos os resultados que não estavam de acordo com as palavras-chave utilizadas na busca, mostrando-se, portanto, fora do recorte desta pesquisa. Na sequência, uma leitura mais detida permitiu considerar apenas os trabalhos que de fato desenvolviam a discussão articulando hip-hop, letramento racial e ensino de inglês. Os demais trabalhos foram desconsiderados para discussão, por não apresentarem relação suficiente com os objetivos desta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como mencionado anteriormente, este trabalho consistiu em uma pesquisa bibliográfica em torno do problema de pesquisa, ou seja, se o hip-hop poderia ser utilizado como ferramenta pedagógica para promover o letramento racial em aulas de língua inglesa. Desse modo, a coleta de dados consistiu em um levantamento bibliográfico realizado em bases de dados científicas. Os termos de busca foram definidos em decorrência do próprio objetivo perseguido: “hip-hop”; “ensino de língua inglesa”; “educação antirracista” e “letramento racial”. Após a busca realizada utilizando-se os procedimentos detalhados na metodologia, foram selecionados seis (6) trabalhos, apresentados em ordem cronológica de publicação (do mais recente para o mais antigo) no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Estudos selecionados

Título do estudo	Autor(es)	Ano de Publicação	Tipo
Analisando o black english vernacular em canções de hip-hop e em livros didáticos de língua inglesa.	CURCINO, Marcus André Almeida; ALMEIDA, Laura.	2025	Artigo
Africanidades através das produções culturais afro-diaspóricas norte-americanas e brasileiras e seus multiletramentos: uma proposta de sequência didática para o ensino da língua inglesa.	DE SOUSA, Clauber Nascimento; NETO, José Olímpio Ferreira.	2024	Artigo
Discursos de identidades de raça e etnia em representações de pessoas negras em livros didáticos.	THOMAS, Erick Samuel Silva; PEREIRA, Ariovaldo Lopes.	2023	Artigo
Diversidade cultural em livros didáticos de alemão como língua estrangeira: uma análise contrastiva para ampliação de horizontes.	MONTE, Natália Carneiro.	2023	Dissertação
Uma perspectiva autoetnográfica sobre a educação linguística de inglês por meio da literatura de autoria negra e outras mídias.	OLIVEIRA, Ângelo de Souza Castro et al.	2023	Dissertação
Do limão faço uma limonada: estratégias de resistência professores negros de língua inglesa.	NASCIMENTO, Gabriel.	2020	Tese

Fonte: dados da pesquisa, elaboração própria.

Esses estudos foram então analisados para que fosse possível tecer conclusões que ajudassem a responder à pergunta de pesquisa. A seguir, apresenta-se de forma sucinta as reflexões encontradas a partir do material selecionado.

Curcino e Almeida (2025), no seu trabalho *Analisando o black english vernacular em canções de hip-hop e em livros didáticos de língua inglesa*, analisaram livros didáticos de língua inglesa³ publicados em 2022 e aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) para o ensino fundamental. O estudo tinha como objeto o *Black English Vernacular* (BEV), variante bastante presente nas práticas de uso da língua. Os autores propõem a “inclusão de análise do BEV como ferramenta pedagógica no ensino de língua inglesa por meio de análises de músicas de hip-hop” (p. 54). Curcino e Almeida (2025, p. 57) destacam que o ensino das variações linguísticas está previsto na BNCC, com o objetivo de proporcionar aos alunos a compreensão das línguas como fenômenos dinâmicos e heterogêneos, influenciados por fatores sociais, históricos, culturais e geopolíticos. Desse modo, as competências adquiridas estariam favorecendo práticas inclusivas e preparando os estudantes para atuarem como cidadãos conscientes e críticos.

Os autores apontam que a análise “revelou uma abordagem insuficiente e inconsistente da variação linguística ao longo dos quatro volumes, apesar de sua aprovação pelo PNLD 2024” (Curcino; Almeida, 2025, p. 68). Essa inconsistência enfraquece a prática pedagógica, principalmente quando tratamos de uma educação crítica em que a própria BNCC recomenda a apropriação dessa competência. Diante dessa constatação, Curcino e Almeida (2025) propõem que o tema das variações linguísticas poderia ser trabalhado por meio de canções do gênero hip-hop. As músicas selecionadas foram “The Bigger Picture”, do *rapper* Lil Baby; “Boss”, do *duo* musical The Carters, formado por Beyoncé e Jay-Z; e “Mood 4 Eva”, da cantora Beyoncé. Para os autores, essas canções apresentam uma abordagem rica para o ensino de BEV, bem como para a compreensão de particularidades gramaticais (*ain't, gon', I'ma* etc) e sociais do BEV.

De modo semelhante, Monte (2023), em sua dissertação *Diversidade cultural em livros didáticos de alemão como língua estrangeira: uma análise contrastiva para ampliação de horizontes*, buscou analisar como a diversidade cultural de materiais didáticos utilizados no ensino de língua estrangeira pode ser significativa para o processo de formação identitária de

³ Trata-se do livro *Ways: English for Life*, de Franco e Tavares, utilizado nas aulas de língua inglesa para estudantes de 6º, 7º, 8º e 9º anos.

estudantes adolescentes. Para a autora, “considerando a grande capacidade de difusão e construção de valores, discursos e imagens, o material didático pode contribuir para a quebra de paradigmas ou para a manutenção de estereótipos e estigmas” (Monte, 2023, p. 20).

Apesar de ter como foco o alemão, a autora faz interconexões com o ensino de língua estrangeira em geral, incluindo a língua inglesa, estabelecendo um diálogo amplo com teóricos da linguística aplicada que defendem uma abordagem intercultural no ensino de língua estrangeira. Com o apoio teórico dos estudos culturais (em especial Stuart Hall), Monte reflete também acerca da questão da representação nos livros didáticos, afirmando a importância desse elemento para a produção do sentido pela linguagem e, mais do que isso, para a manutenção de estruturas de poder. Monte (2023) ressalta a necessidade de entender que dominar um idioma estrangeiro envolve também o respeito à diversidade cultural e à visão de mundo do outro. Ou seja, o ensino de uma língua estrangeira deve ter em consideração que também está formando o aluno enquanto cidadão para exercer um papel social.

Observando que os livros didáticos para ensino de línguas (no caso, o alemão) são limitados e elitistas no que se refere aos aspectos culturais, a autora destaca o papel do professor na prática pedagógica, que deve se conscientizar e atuar de forma mais proativa em relação ao conteúdo dos materiais didáticos.

Com o reconhecimento do processo de complementação do material didático vem a reflexão dos professores e alunos, acerca de que é importante ser incluído para além do material didático utilizado, inserindo práticas pedagógicas que trabalhem a contextualização cultural e que estabeleçam um elo de identificação entre o ensino da língua alemã e os aprendizes que, assim como todos os seres humanos, necessitam ter suas existências representadas para se enxergarem e se fazerem enxergar como participantes ativos da construção da realidade a ser aprendida (Monte, 2023, p. 104).

Nesse sentido, a partir da sua própria experiência de sala de aula, Monte demonstra como é possível trabalhar questões identitárias relacionadas à raça, gênero, sexualidade e classe fazendo uso de diversos recursos, entre eles o da música, em especial aquela em estilos mais próximos aos jovens, como o hip-hop (p. 86-88).

Monte (2023, p. 41-42) comenta que já existe hoje uma boa quantidade de estudos científicos que constata a ausência de discussão acerca de questões de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos de língua inglesa. Nesse sentido, reforça a postura do professor como essencial no processo de ensino aprendizagem para dar visibilidade e legitimar práticas linguísticas, sociais e culturais de grupos historicamente marginalizados.

Adotando como foco a figura do professor, Nascimento (2020), em sua tese intitulada *Do limão faço uma limonada: estratégias de resistência professores negros de língua inglesa*, expõe como a língua contribui para a manutenção do racismo e que há racialização no ensino

de inglês. Em seu trabalho, Nascimento investiga as estratégias adotadas por professores negros de língua inglesa para ressignificar o signo raça como uma forma de resistência à racialização no ensino de inglês. O autor contextualiza seu problema de pesquisa explorando conceitos como colonialidade/decolonialidade, negritude/branquitude, bem como a teoria racial crítica, entre outros. Ao tratar do tema “racismo linguístico”, o autor afirma que a língua

é ferramenta de surgimento de uma nomeação colonial de racialização como é, ela própria, o suporte por onde se racializa ao falar. [...] a língua faz ao se utilizar do racismo para ser forjada enquanto língua pelos colonizadores, em que algumas línguas passam a ser consideradas línguas válidas enquanto outras não, mas também nas formas pelas quais o racismo atua na própria língua, como é o caso da construção discursiva e simbólica e racista que se materializa na língua. (Nascimento, 2020, p. 48)

No que diz respeito ao letramento racial, conceito igualmente importante para nossa pesquisa, Nascimento entende ser este um aspecto fundamental para a formação de professores de línguas estrangeiras no Brasil. Para o autor, “letramento racial é uma forma de compreensão de que o letramento não é uma tarefa neutra e, portanto, precisa ser configurado para se obter uma dimensão ecológica do saber e impedir que exista o racismo epistêmico nessa produção” (Nascimento, 2020, p. 118).

Igualmente preocupadas com o papel da linguagem na perpetuação do racismo, Sousa e Neto (2024) no seu trabalho *Africanidades através das produções culturais afro-diaspóricas norte-americanas e brasileiras e seus multiletramentos: uma proposta de sequência didática para o ensino da língua inglesa*, buscam analisar como promover a inclusão de grupos minorizados por meio do ensino de línguas estrangeiras modernas. Na perspectiva dos multiletramentos, observam que os livros didáticos costumam ser pobres nesse quesito, bem como falta aos professores formação continuada para explorar em suas aulas os aspectos multimodais. Os autores ressaltam também que, em geral, os livros didáticos não contemplam uma diversidade social em seus conteúdos, reproduzindo quase sempre imagens e referências culturais eurocêntricas ou norte-americanas. Ressaltando que o racismo linguístico contribuiu para o racismo estrutural que perpetua o epistemicídio da diversidade brasileira, Sousa e Neto (2024, p. 3) afirmam que é preciso pensar em estratégias significativas para que o ensino de inglês possa colaborar na formação de sujeitos, intensificando seu envolvimento social, político e identitário. Nesse sentido, propõem uma sequência didática (SD) a fim de trabalhar as africanidades através das produções culturais afro-diaspóricas norte-americanas e brasileiras no ensino de língua inglesa. Nas etapas da SD os autores relacionaram a língua inglesa com manifestações culturais, principalmente aquelas que valorizam a negritude, como hip-hop, capoeira, samba de roda etc. Essa sequência didática foi aplicada em uma escola da rede pública municipal com uma turma do oitavo ano. A SD se divide em 3 etapas, iniciando-se com uma

apresentação; em seguida o desenvolvimento da SD, com seus “Módulos”, “Unidades”, “Conteúdos” e “Metodologias e Recursos” descritos detalhadamente; e por fim um encerramento. O hip-hop comparece na segunda etapa da SD, que apresenta como conteúdos: a história de ritmos negros populares (funk, hip-hop e reggae) para trabalhar a diversidade racial nos países de língua inglesa; e a chegada do funk e do hip-hop ao Brasil para desenvolver o tema da africanidade nas produções afro-brasileiras.

Ao final da SD, os estudantes foram convidados a responderem um questionário de avaliação de desempenho. Sousa e Neto apontam que obtiveram resultados animadores, a exemplo da pergunta “*O projeto mudou sua visão sobre aprender inglês?*”, a qual obteve um número considerável de respostas positivas, com cerca de 73% de aceitação (Sousa; Neto, 2024, p. 9-10). Outro ponto relevante identificado foi de que através da discussão e aplicação da SD, conseguiram fomentar a questão identitária entre os estudantes. Anteriormente à aplicação da SD, Sousa e Neto destacam que havia de forma recorrente na comunidade escolar uma postura de negação da identidade negra, em que os estudantes alegavam uma suposta cor morena como forma de escapar ao racismo (p. 6). Isso aponta que a aplicação da SD teve impacto positivo na promoção de construção identitária.

Também buscando analisar essa questão identitária, Thomas e Pereira (2023) em seu trabalho *Discursos de identidades de raça e etnia em representações de pessoas negras em livros didáticos*, analisaram uma coleção de livros didáticos de língua inglesa indicados pelo PNLD, assim como fez Curcino e Almeida (2025), com o propósito de investigar a representação de sujeitos negros e como isso afeta a construção/desconstrução identitária desses sujeitos. O objeto da pesquisa foi a coleção de 2018 para o Ensino Médio *Way to Go!* e, por meio da análise, os autores conseguiram averiguar a presença de pessoas negras em representações gráficas, por exemplo, uma imagem que descreve um garoto usando vestimenta característica da cultura hip-hop segurando um megafone e dizendo: “*Say no to racism! We are all human*”. Ou em outra imagem que mostra pessoas negras em uma manifestação, na qual é possível ver uma mulher negra segurando uma placa que diz “*Freedom*”.

Ao investigarem essas representações gráficas, os autores notaram que o conteúdo do livro didático não prioriza os “aspectos reflexivos” que essas imagens tratam, colocando foco apenas em questões gramaticais da língua. A falta dessa abordagem crítica e reflexiva nos livros didáticos acaba por não incentivar o pensamento crítico dos estudantes, afetando o processo de construção/desconstrução identitária. Nesse sentido, os autores destacam “a importância da ação docente na utilização desses materiais de ensino, quanto à forma de abordagem das temáticas tratadas” (Thomas; Pereira, 2023, p. 14), o que dialoga com o que foi exposto por Monte (2023)

acerca da importância do professor se conscientizar em relação ao conteúdo dos materiais didáticos. Assim, os autores concluem que “o livro didático não contribui para a construção de identidades negras empoderadas e conscientes” (Thomas; Pereira, 2023, p. 12-15).

De forma similar, Oliveira (2023), em sua dissertação *Uma perspectiva autoetnográfica sobre a educação linguística de inglês por meio da literatura de autoria negra e outras mídias*, reflete acerca da representatividade e formação de identidade e discute a ausência da literatura de autoria negra bem como de outras mídias no ensino de inglês. O autor destaca

a necessidade de a educação linguística em LI no Brasil romper com padrões e com epistemologias de matriz colonial, e de desenvolver o pensamento crítico nas discussões sobre questões sociais, étnico-raciais, de gênero, políticas, éticas, de afetos, de empatia, de consciência social e de sentimento de coletividade (Oliveira, 2023, p. 25).

Oliveira (2023, p. 50) propõe então uma sequência didática para trabalhar a temática em sala de aula utilizando o rap com recurso didático, destacando que o “rap traz com ele toda a simbologia de música de protesto e de questionamento sobre questões sociais, étnico-raciais, de gênero e de classe social”. Considerando a associação dos multiletramentos para a promoção do letramento crítico, em sua SD, Oliveira combinou o uso de diferentes mídias e gêneros literários como *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Adichie; *Teaching to Transgress*, de bell hooks, que discute o “black English”; e uma música *I Have a Dream*, do rapper Will.I.Am, que integra a trilha sonora do filme *Escritores da liberdade*, o qual também foi utilizado na SD (Oliveira, 2023, p. 50-53). No caso dessa SD, o rap serviu para discutir as questões suscitadas pela letra da música em diálogo com os demais recursos utilizados e as ideias principais levantadas a partir das discussões em sala foram aproveitadas para atividades de produção escrita dos estudantes.

O autor entende que associar literatura, outras mídias e epistemologias não hegemônicas em aulas de LI proporciona aos estudantes uma educação emancipatória e amplia sua visão de mundo (p. 38). Dessa forma, por meio da SD, o autor desenvolveu com seus estudantes as temáticas propostas por meio de discussões coletivas mediadas por ele e de debates em pequenos grupos em sala de aula. Além disso, os alunos eram orientados a estudarem em casa os conteúdos de gramática, pronúncia e vocabulário, que posteriormente eram retomados e discutidos em sala (p. 53). Oliveira (2023) expõe que os estudantes identificaram na literatura uma riqueza de conexões que podem ser feitas com a realidade dos educandos, o que pode promover reflexões críticas “sobre problemas da modernidade como questões étnico-raciais, de gênero, de classe e sobre questões relacionadas à colonização e à colonialidade” (p. 95). O autor defende que uma educação de qualidade, com um olhar decolonial, pode gerar impacto positivo na vida dos estudantes (Oliveira, 2023).

Diante do que foi apresentado, foi possível identificar nos trabalhos uma ausência de abordagem de questões étnico-raciais nos livros didáticos, os conteúdos são insuficientes para trabalhar de forma crítica o tema, bem como não oferecem apoio para os professores conduzirem a temática, o que, somado a uma falta de qualificação desses profissionais, limita as possibilidades de proporcionar uma perspectiva decolonial e antirracista para os estudantes nas aulas de língua inglesa. Essa lacuna desafia o educador a pensar em novas estratégias de ensino que sejam críticas e reflexivas, entre as quais o hip-hop foi evidenciado como sendo uma alternativa bastante útil diante a necessidade de promover o letramento racial e a construção identitária e cultural dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou investigar a potencialidade de se utilizar o hip-hop como ferramenta pedagógica para promover o letramento racial em aulas de língua inglesa. Para tanto, foram pontuadas inicialmente como o hip-hop surge no contexto brasileiro e suas principais características e seus pilares, que são os elementos que compõem esse movimento cultural. Para contextualizar a pesquisa, também foram trabalhados alguns conceitos que colaboraram para a compreensão da discussão, como decolonialidade e educação antirracista.

Por meio dos trabalhos levantados na pesquisa foi possível confirmar que o hip-hop apresenta muitas vantagens ao ser utilizado como recurso didático. Com o estudo de Nascimento (2020), foi possível compreender que a língua funciona em nossa sociedade como um mecanismo de reprodução do racismo. Que o hip-hop, enquanto movimento sociocultural, é capaz de promover a construção de identidade tanto cultural quanto crítica dos sujeitos (Souza, 2011) e, nesse sentido, pode ser apropriado no contexto da sala de aula também para o ensino de língua inglesa (Curcino; Almeida, 2025; Sousa; Neto 2024; Oliveira, 2023), apontando bons resultados e mostrando-se um excelente recurso no que se refere a desenvolver o letramento racial dos estudantes, quando o professor se debruça sobre o material didático de forma consciente (De Sousa e Neto 2024; Monte, 2023; Thomas; Pereira, 2023; Oliveira, 2023). Nesse sentido, alguns dos trabalhos selecionados apontam que o/a professor/a exerce um papel crucial ao fazer a mediação e complementação do material didático tradicional, principalmente no que concerne ao exercício de uma educação reflexiva e transformadora.

Embora os resultados obtidos nessa pesquisa sejam motivadores para a discussão aqui proposta, foram percebidas algumas limitações, em especial no que se refere à obtenção de dados, visto que a busca no Portal de Periódicos da Capes não retornou resultados com as palavras-chave utilizadas. Isso, por um lado, aponta que ainda há poucos estudos na área que abordem essa temática específica e, por outro, indica que mudanças metodológicas precisariam ser realizadas em futuras pesquisas para obter mais resultados e ampliar a discussão. De todo modo, esse fato reforça a contribuição desta pesquisa no que tange ao problema exposto neste trabalho, visto que, ainda que existam, os trabalhos ainda são poucos ou incipientes.

Por fim, espera-se que esse trabalho contribua para fortalecer e continuar incentivando o debate sobre a educação antirracista e também para incentivar professores-pesquisadores de ensino de línguas estrangeiras interessados em transformar suas práticas pedagógicas. Além disso, evidencia a relevância dos movimentos culturais periféricos, em particular o hip-hop, no processo de formação identitária e educativa dos estudantes e professores.

REFERÊNCIAS

- BENEDITO, Soares; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA, Tânia. **Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo, SP. Instituto Alana, 2023.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 15 jul. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base](#). Acesso em: 30 out. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE nº 03/2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana Brasília: CNE, 2004. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.
- CORROCHANO, Maria Carla; CERIACO, Michel da Silva. **Rap e o movimento negro educador: juventude negra no protagonismo da Lei 10.639/03**. São Paulo, Universidade de São Carlos, 2023.
- CURCINO, Marcus André Almeida; ALMEIDA, Laura de. Analisando o Black English Vernacular em canções de hip-hop e em livros didáticos de língua inglesa. **Revista Philologus**, v. 31, n. 91, p. 53-71, 2025
- EBLE, Laeticia Jensen. **Escrever e inscrever-se na cidade: um estudo sobre literatura e hip-hop**. 2016. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, 2016.
- FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. **Cultura hip hop e marcas alternativas: a presença da ideologia e das estratégias mercadológicas**. São Paulo, Faculdade Cásper Líbero, 2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, aprendizes e saberes processos participativos**, 2014.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro e a intelectualidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- GONÇALVES, R. D.; PEREIRA, J. R. F. "O hip hop e a favela": reflexões sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e africana na sala de aula. **Revista Ensin@**, v. 1, n. 1, p. 152-158, 6 jun. 2016.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf. Acesso em: 30 out. 2025.

IBGE. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, n. 48. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em:

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Normaliza IFB**. Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos. Brasília: IFB, 2021. Disponível em: <https://normaliza.ifb.edu.br/doku.php?id=introducao>. Acesso em: 30 jul. 2025.

MONTE, Natália Carneiro *et al.* **Diversidade cultural em livros didáticos de alemão como língua estrangeira**: uma análise contrastiva para ampliação de horizontes. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

MOREIRA, Adilson José. **Letramento racial**: uma proposta de reconstrução da democracia brasileira. São Paulo: Editora Contracorrente, 2024.

NASCIMENTO, Gabriel. **Do limão faço uma limonada**: estratégias de resistência de professores negros de língua inglesa. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, Ângelo de Souza Castro *et al.* **Uma perspectiva autoetnográfica sobre a educação linguística de inglês por meio da literatura de autoria negra e outras mídias**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip-Hop**: a periferia grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

ROJO, Roxane Helena R; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAYUMI, Clarissa. **Conheça as maiores batalhas do Brasil**. Novabrazil, 2024. Disponível em: Disponível em: <https://novabrazilfm.com.br/arte-e-cultura/brasilidade/conheca-as-maiores-batalhas-de-rima-do-brasil>. Acesso em: 15 de jul. 2025.

SOUSA, Clauber Nascimento de; NETO, José Olímpio Ferreira. As africanidades através das produções culturais afro-diaspóricas norte-americanas e brasileiras e seus multiletramentos: uma proposta de sequência didática para o ensino de língua inglesa. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 6, e14313646175, 2024.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança – Hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.

STEIN, Alexandre. **O inglês vernacular afro-americano**: descrição e implicações sociolinguísticas. Londrina: Entretexos, 2020.

THOMAS, Erick Samuel Silva; PEREIRA, Ariovaldo Lopes. Discursos de identidades de raça e etnia em representações de pessoas negras em livros didáticos. **REVELLI-Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, v. 15, 2023.